

ESTUDO BÍBLICO NA SEGUNDA SEMANA DA PÁSCOA ANO B 2021

Comunidade Católica Paz e Bem

SEGUNDA-FEIRA

João 3,1-8

DEIXAR-SE ILUMINAR PELA PÁSCOA (I):

A VIDA NOVA NOS É DADA NO BATISMO DO PODER CRIADOR DE DEUS

"O que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus"

Os sacramentos, começando pelo Batismo, infundem em nós a vida que nasce da Ressurreição. A vida nova dos homens novos e ressuscitados por Cristo.

A partir de hoje, e até a solenidade de Pentecostes, nos dias da semana estaremos lendo de maneira contínua o Evangelho de João. Faremos da seguinte forma:

- O diálogo de Jesus com Nicodemos (vv.22-30) sobre o "Batismo": primeiro sacramento pascal;
- Relato da multiplicação dos pães e catequese do "Pão da Vida" (Jo 6): segundo sacramento pascal;
- Algumas passagens da alegoria do "Bom Pastor" (Jo 10);
- O discurso de despedida de Jesus aos seus discípulos (o "Testamento de Jesus"; Jo 14-16);
- A oração sacerdotal de Jesus (Jo 17);
- O final do evangelho de João, com a última aparição de Jesus.

O fio condutor é... **O encontro de Jesus com Nicodemos.** O Evangelho de João nos descreve, com certa amplitude e com profundidade, o encontro de Jesus com diversas pessoas. Aqui temos o encontro com um dirigente do grupo judeu.

1. *"Havia um homem chamado Nicodemos..."*

Quem é Nicodemos?

(a) Um homem de grande prestígio:

Inicialmente se descreve Nicodemos como um fariseu e um magistrado judeu, porém, mais adiante se diz, também, que é mestre em Israel (cf. v.10) e membro do Sinédrio (cf.7,45.50), que é a mais alta instância da autoridade judia.

(b) Um discípulo escondido e valente, que virá à luz na Páscoa de Jesus.

Escondido: De fato, Nicodemos é apresentado como um discípulo noturno (v.2ª). Este comportamento parece dever-se ao temor de ser reconhecido como discípulo, o que lhe pode custar à expulsão do Sinédrio e até do judaísmo (9,22;19,38-39, onde aparece associado a José de Arimatéia).

Valente: Porém, nota-se que, depois da morte de Jesus, discípulos escondidos como este aparecerão à luz pública, enquanto que os mais conhecidos se esconderam (20,19). Justo no acontecimento pascal, ao evocar este primeiro encontro com Jesus (19,39), se deixa entender que o sentido do ocorrido na Cruz já estava anunciado na conversa daquela noite.

(c) Alguém que entende a obra de Jesus:

Chama a atenção que Nicodemos não considera inconveniente à sua alta dignidade ir onde está aquele Galileu. Não lhe pede nenhum sinal particular de seu messianismo, mas se apresenta já com a atitude de um fiel. Está comovido profundamente por suas obras de poder (v.2c).

Como se pode ver, ele interpreta seu verdadeiro significado: as ações de Jesus não são só uma ajuda às pessoas que estão em necessidade, mas uma demonstração de que o próprio Deus está com ele. Nicodemos reconhece que o Deus que confessa como seu Deus, está por trás de tudo que Jesus faz. Desta observação e correta interpretação das obras de Jesus, Nicodemos deduz a autoridade de Jesus como Mestre (v.2b).

Como costumava fazer o evangelista João, que gosta de dramatizar e apresentar personagens como símbolos de um grupo inteiro, o Nicodemos que dialoga com Jesus à noite, representa todos os judeus que mostram alguma simpatia pelo jovem rabi da Galileia, mas que demonstram falta de fé, e rejeitam o revelador do amor supremo de Deus, preferindo as trevas da incredulidade (Jo 2,23-3,21).

2. *"Ver o Reino de Deus... Entrar no Reino de Deus..."*

O tema do diálogo com Jesus

A resposta de Jesus mostra que é Ele quem realmente põe o tema da conversação (se comporta como um verdadeiro Mestre): **"Em verdade, te digo..."** (v.3). Jesus responde sobre uma pergunta que não foi traçada, porém que é de decisiva importância: "Que se necessita para entrar no Reino de Deus?"

Jesus põe o olhar no central: Deus está –por meio do ministério do Messias- a ponto de despregar definitivamente sua potência misericordiosa. Para poder gozar plenamente da eficácia desta benção tem que conhecer as condições e fazer o itinerário: “Nascer do alto”.

Consideremos que em João não é comum o tema do “Reino de Deus” (esta expressão só aparece aqui e no v.5), mas o tema da “Vida”: só o poder de Deus pode dar-nos a vida eterna, ou seja, a vida que não passa e que é a única verdadeira e efetiva (o veremos nos próximos dias: Jo 3,15.16.36).

3. “**Nascer do alto...**” O caminho para entrar na Vida

É preciso nascer “do alto” (v.3), quer dizer, que para tomar parte no Reino de Deus se necessita um novo nascimento, um começo completamente novo. A vida eterna, que é a vida divina, se recebe já, desde aqui, mediante um gesto criador de Deus no crente.

Com isto Jesus ensina que a vida presente não pode transformar-se, simplesmente, em vida no Reino de Deus (no âmbito de poder da vida plena e inesgotável de Deus), mas que para obtê-la, se necessita uma nova existência.

Nicodemos fica estremecido ante a proposta (v.7: “**Não te assombres de que tenha dito: tens que nascer do alto**”). Apesar de ter ele reconhecido em Jesus um poder divino através de seus sinais (“**Ninguém pode**”), se confunde inicialmente diante da radicalidade do caminho que o Mestre acaba de propor (“**Não pode ver o Reino de Deus**”).

Ele não nega a necessidade deste novo nascimento, porém não consegue imaginar como pode ocorrer: “**Como pode nascer já sendo velho? Pode acaso entrar outra vez...?**” (v.4; nota-se a repetição contínua do verbo “poder”).

Jesus então lhe ajuda a compreender: o novo nascimento se realiza a partir da água e do Espírito Santo (v.5). O ser humano não pode conceder-se este novo começo por seus próprios meios porque as realidades do Espírito só podem provir do dom do Espírito (“**o nascido da carne é carne; o nascido do Espírito é espírito**”, v.6; Jo 1,12-13).

Portanto, é por meio do poder criador de Deus, o Espírito Santo recebido no Batismo, que se ganha este novo ponto de partida na vida e no caminho para a plena vida. Com nossas obras não conseguiremos realizar o Reino, muito menos alcançamos os pressupostos para “**entrar**” nele (sentido do v.6).

Trata-se da ação do Espírito, pleno de poder, o qual opera de forma misteriosa (sentido do v.8). A nós corresponde mostrar nossa melhor disposição, reconhecer nossa incapacidade, nossa pobreza e abrir-nos à sua ação com profunda gratidão.

Para cultivar a semente da Palavra na vida:

1) Que me diz o comportamento de Jesus frente ao assombrado Nicodemos?

2) O ideal máximo de todo ser humano é “Viver!”. Sonho com uma vida que vai além da presente e que comece desde o presente?

Como acolho o que Jesus me diz a respeito?

3) Reconheço que o novo nascimento é um dom?

Que se requer para recebê-lo?

TERÇA-FEIRA

João 3,7b-15

DEIXAR-NOS ILUMINAR PELA PÁSCOA (II):

SOB O INFLUXO VIVIFICANTE DO CRUCIFICADO EXALTADO

“Quando for levantado o Filho do homem, que todo o que crer tenha por Ele vida eterna”

Continuando nossa leitura do diálogo de Jesus com Nicodemos, notamos como Jesus põe de relevo o caráter misterioso da realização do novo nascimento pela água e o Espírito Santo.

Sua obra vai muito além de uma plena inteligência humana. A imagem do vento, também figura do Espírito (ruah), que é, em categorias humanas, **"O vento sopra onde quer e ouves sua voz, porém não sabes de onde vem nem a onde vai"** (v.8a).

Esta plena liberdade, docilidade e abertura para o futuro é a grande característica do homem novo: **"Assim é todo o que nasce do Espírito"** (v.8b). A última expressão de Jesus nos convida a deixar-nos impactar, e não simplesmente admirar-nos pela obra de Deus.

A frase *"Como não sabes como vem o espírito aos ossos no ventre da mulher em gestação, assim tão pouco sabes a obra de Deus que tudo faz"* (cf. Ecl 11,5) revela qual é a atitude que nos corresponde: a gratidão a Deus por sua obra em nós e a humildade e abandono total nele para que a leve à plenitude.

A nova pergunta de Nicodemos não obtém resposta. No começo ele havia reconhecido Jesus como Mestre vindo de Deus (v.2). Agora Jesus exige ser reconhecido verdadeiramente sua autoridade e que se aceite seu testemunho.

Não há nenhuma outra razão para manter suas afirmações, senão a qualidade de seu testemunho (v.11). Ele desceu do céu: sabe, sim, porque é testemunha ocular (v12). Conhece as coisas de Deus. Portanto, é preciso que confiar em sua palavra.

Do diálogo de Jesus com Nicodemos aprendemos que:

- Para poder participar do Reino de Deus é necessário um começo completamente novo;
- Não podemos dar a nós mesmos este início de uma nova vida, o qual só nos é dado no Batismo do poder criador de Deus;
- Neste novo começo não somos passivos: este exige da nossa parte a fé no Filho de Deus.

Porém, nem a fé é algo de ordem humana. Jesus mostra que a fé se fundamenta na prova de amor que Deus nos deu enviando seu Filho.

O novo nascimento de Deus e a fé no Filho de Deus nos conduzem ao sentido e à plenitude de nosso ser, à verdadeira vida que não passa. Sem este nascimento e esta fé arruinamos nossa vida.

Como evitar um fim absurdo, uma morte sem sentido e miserável? Como manter e assegurar nossa vida? Israel se fazia estas perguntas quando, no caminho do deserto, foi ameaçado por serpentes venenosas (Nm 21,4-9).

Então Deus veio em auxílio de seu povo. Encarregou Moisés de fazer uma serpente de bronze e a suspendesse no madeiro. Quem era mordido pela serpente e olhava a serpente seguia com vida.

Assim se aclara o significado do Filho do homem exaltado sobre a Cruz: o crucificado é símbolo de salvação, fonte de vida (3,4-5). Devemos fixar o olhar d'Ele e tratar de ouvi-lo.

Devemos levantar nosso olhar para ele e reconhecê-lo como nosso salvador. Não há outro caminho para a vida, nem outra possibilidade de superar a morte se não n'Ele.

Concluindo, a união com Jesus dá a vida. E esta união a obtemos crendo n'Ele, que é o Crucificado, abandonando-nos e confiando completamente n'Ele. Confiando no Crucificado, reconhecemos o amor sem medida de Deus e nos entramos na esfera de ação de sua potencia vivificante.

Para cultivar a semente da Palavra no coração:

- 1) Por que se utiliza aqui a imagem do vento?

- 2) Que tipo de Mestre é Jesus?

De onde provem seu ensinamento?

- 3) De onde se tira a imagem da serpente suspensa na haste?

Que relação tem com a crucifixão de Jesus?

QUARTA-FEIRA

João 3,16-21

DEIXAR-SE ILUMINAR PELA (III): ANTE LUMINOSA REVELAÇÃO DO AMOR DE DEUS NO CRUCIFICADO
"Tanto amou Deus o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça,..."

O diálogo de Jesus com Nicodemos dá um giro importante: a contemplação do amor de Deus na Cruz do Filho. Afirma-se, claramente, que detrás do Crucificado está o mesmíssimo Deus, que este Deus o ofereceu e enviou por amor à humanidade inteira, preocupando-se por sua salvação.

A Cruz de Jesus é, desde um ponto de vista externo, um sinal de como Ele foi despojado de todo poder, de como Deus o havia abandonado, e de como a crueldade humana havia triunfado sobre suas reivindicações e sobre suas obras. Porém, na Páscoa fica claro que o Crucificado foi o enviado de Deus e n'Ele estabeleceu quais eram seus caminhos de salvação.

Então a Cruz permanece como símbolo do amor de Deus sem medida. Ela demonstra quão longe é capaz de ir Deus e quão longe é capaz de ir Jesus ao jogar-se pela humanidade.

No Crucificado Deus responde nossas interrogações: Será que Deus me ama? Meu destino interessa a Deus? Fomos criados, e logo abandonados à impassibilidade das leis da natureza e ao mesquinho jogo de poder humano? O Crucificado nos diz que Deus ama o mundo e quer sua salvação. Seu amor tem intensidade e medida tal, que se fosse possível, se deveria dizer: "Deus ama o mundo, a nós, mais que seu próprio Filho".

Deus não abandonou o mundo. Antes, se compromete de tal forma que é capaz de desprender-se do mais querido e dar seu próprio Filho como dom. E mais ainda, o expõe aos perigos desta missão, que caia nas mãos dos maus feitores, que seja vítima da cegueira e crueldade destes, que seja crucificado.

Quanto nós valem, aos olhos de Deus! O que Deus quer é que nossa vida não se arruine e que alcancemos a plenitude de nossa vida. Para isto nos dá a seu Filho. Após a criação (Jo 1,2), a Lei (Jo 1,17), unida aos profetas e a tantas outras formas de sua solicitude por nós, o Filho é a última palavra, o dom mais valioso que Deus fez à humanidade. No Filho, Deus se ocupa pessoalmente de nós, nos abre o caminho da salvação e nos atrai à comunhão com Ele e à vida eterna.

Porém, Deus não busca nossa salvação sem contar conosco, nem tampouco contra nossa vontade. Requer que nos abramos a seu amor incrível e que creiamos em seu Filho crucificado.

Só se reconhecemos que o Crucificado é o único e predileto Filho de Deus, a potência deste amor de Deus pode invadir-nos e realizar, eficazmente, dentro de nós. Nossa vida, então, resplandece sob sua luz e seu calor. Nossa vida depende de nossa fé.

Como acolher a luz resplandecente deste amor, para encher-nos de sua força doadora de vida? A ele se opõe o estranho fenômeno segundo o qual os homens preferem mais as trevas à luz (cf. 3,19).

Há razões para fugir desta luz e para buscar a sombra das trevas, razões que residem no comportamento humano. Quem faz o mal evita, instintivamente, a luz. Quem faz o bem enfrenta a luz e não a evita, porque não tem nada que esconder.

Nosso agir concreto tem uma grande relação com nossa fé:

- O "bem": que fazemos segundo Deus (3,21), escutando-o, buscando sinceramente pôr em prática sua vontade;
- O "mal" quando não agimos segundo estes critérios, quando não buscamos a Deus, mas que persequimos em egoística autoafirmação nossos planos e nossos desejos, ainda contra a vontade de Deus (3,20).

Quem busca só a si mesmo, se fecha a Deus e corre o perigo de permanecer fechado ante a luminosa revelação de seu amor. Se não levamos a sério a vontade de Deus, como vamos crer em seu amor?

Este amor o afasta de seu próprio egoísmo e lhe faria sentir ainda mais sua própria dependência de Deus. Quem busca sempre a comunhão de Deus através das obras, está aberto à luz de seu amor.

Portanto, Jesus, o Crucificado, não é um pensamento, ou uma teoria, uma hipótese, ou uma fantasia, mas uma autêntica realidade histórica. Tão real é o amor de Deus!

Para cultivar a semente da Palavra no coração:

1) Faço idéia do amor de Deus sem medida? Para mim esse amor é decisivo?

2) Dou-me conta de que na mensagem de Jesus tudo se fundamenta em Deus e na fé?

3) Quem pode declarar-se sustentado pelo amor de Deus e por sua vontade de salvação?

DEIXAR-NOS ILUMINAR PELA PÁSCOA (IV): O ESPÍRITO DADO SEM MEDIDA

"O que crer no Filho tem vida eterna"

O texto de hoje fala da validade e autoridade que tem o ensinamento de Jesus a Nicodemos. Trata-se, pois, de um convite à obediência às Palavras de Jesus: Crer no Filho para que tenha vida eterna (3,36).

A validade e autoridade de Jesus para falar de Deus se fundamentam em três realidades:

1. Vem do céu: **"O que vem do alto está acima de todos"** (v.31).

Jesus procede da comunhão eterna no seio do Pai e veio ao mundo para "contar-nos" o que tem vivido nessa amorosa intimidade (1,18). Por esta razão é um testemunho direto do que ensina.

Ele não é como os demais mestres da terra que transmitem o que, por sua vez, receberam por meios escolares. Por vir do céu, Jesus **"dá testemunho do que tem visto e ouvido"** (v.32).

2. Deus o tem autenticado com a unção do Espírito Santo:

"O que aceita seu testemunho certifica que Deus é veraz; porque aquele a quem Deus enviou fala as palavras de Deus, porque dá o Espírito sem medida" (v.33-34; 1,33)

3. Deus colocou em seu Filho esta responsabilidade: **"O Pai ama ao Filho e colocou tudo em sua mão"** (3,35).

Por trás do amor do Pai ao Filho está, também, o amor à humanidade. Portanto, é preciso aceitar a mensagem-testemunho de Jesus. Não há desculpas para não fazê-lo.

O ensinamento de Jesus tem validade, uma validade que se constata por demais em sua eficácia: **"O que aceita seu testemunho certifica que Deus é veraz"** (3,33).

Jesus é a **"verdade"** encarnada de Deus (termo que em João traduz o hebreu **"emet"**, que descreve a fidelidade de Deus com seu povo).

A responsabilidade do homem é grande: aceitar Jesus é entrar, em seguida, nas relações com Deus que lhe levam à participação plena de sua vida. Não fazer isto é se autojulgar e se excluir da vida.

Aprofundemos com os nossos pais na fé:

Santo Ireneu de Lyon (c. 130-c. 208), bispo, teólogo e mártir

O Filho revela o Pai

"Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer"

Desde o começo, é o Filho quem revela o Pai, porque Ele está junto do Pai desde o começo.

No tempo fixado, foi Ele quem deu a conhecer aos homens, para proveito destes, as visões proféticas, a diversidade das graças, os ministérios e a glorificação do Pai, tudo como uma melodia bem composta e harmoniosa.

Com efeito, onde há composição, há melodia; onde há melodia, há tempo fixado; onde há tempo fixado, há proveito. Foi por isso que, para proveito dos homens, o Verbo Se fez dispensador da graça do Pai, segundo os Seus desígnios.

Ele mostra Deus aos homens e apresenta o homem a Deus, preservando a invisibilidade do Pai, com receio de que os homens venham a desprezar a Deus e para que eles tenham sempre progressos a fazer, ao mesmo tempo que torna Deus visível aos homens de numerosas formas, com receio de que, totalmente privados de Deus, eles acabem por se esquecer da Sua existência. Porque a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus.

Se a revelação de Deus pela criação já dá a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo dá a vida aos que vêem a Deus!

Para cultivar a semente da Palavra no coração:

1) Jesus é revelador. De que?

2) Em que se baseia a autoridade de Jesus?

3) A que faz referência à imensa generosidade de Jesus, que **"dá o Espírito sem medida"**?

João 6,1-15

PÃO DE VIDA (I): O SINAL DO PÃO EM ABUNDANCIA.

"Encheram doze cestos com as sobras dos cinco pães de cevada que sobraram"

Jesus ressuscitado nos comunica sua vida no Batismo, porém, também na Eucaristia. É por esta razão que agora começamos a ler o capítulo 6 de João.

O capítulo 6 do Evangelho de João tem um desenvolvimento linear que vale observar desde já:

- (a) Começa com o sinal da multiplicação dos pães e dos peixes (6,1-15);
- (b) Narra, a seguir, a travessia noturna do lago pelos discípulos em meio da tempestade (6,16-21);
- (c) Prolonga-se logo no discurso do "Pão da Vida" que clarifica o sentido do sinal (6,22-59);
- (d) E a este se responde com a decisão de "deixar" (6,66) ou de "seguir" a Jesus (6,68-69).

Entre o começo e o final deste capítulo, notamos um forte contraste. No começo o número dos seguidores de Jesus alcança seu número mais alto (5.000 homens; ver 6,10).

Depois do discurso do Pão Vivo descido do Céu, ficam somente doze como seguidores de Jesus (6,67). Com isto aprendemos que o critério que marca a ação de Jesus não é o proselitismo, mas, sobretudo e, em primeiro lugar, a missão que Deus Pai lhe confiou, sem fazer concessões às expectativas populares.

É assim como o relato da multiplicação dos pães, o relato introdutório da catequese sobre o "Pão Vivo descido do Céu" é uma catequese que pedirá, ao final, uma clara opção por Jesus. É, portanto, a porta de entrada de um itinerário de purificação-maduração da fé.

Para apropriar-nos melhor de seu rico conteúdo, vamos observar o desenvolvimento da ação no texto:

- (1) A introdução (vv.1-4)** Aparecem os personagens: Jesus, sentado na montanha; os discípulos que o rodeiam; e uma grande multidão que se aproxima deles. Acrescenta-se, além do mais, que *"estava próxima a Páscoa"*. O fato de que a multiplicação dos pães se situa neste contexto festivo de vida e liberdade, assinala a rota pela qual temos que compreender o sinal que vai realizar-se: o dom pascal da vida de Jesus Cristo na Cruz.
- (2) O diálogo de Jesus com os discípulos (vv.5-9)** À pergunta de Jesus sobre "onde" comprar pães para alimentar a multidão, dão duas respostas. Primeiro a de Filipe, que vê a intenção de Jesus como absurda. Logo a de André que, apesar de confessar a incapacidade, apresenta a Jesus um menino portador de cinco pães e dois peixes. Ao final das contas os pães são dados.
- (3) Jesus serve a mesa (vv.10-11)** O pouco que se coloca nas mãos de Jesus se multiplica. Notemos três ações-chaves de Jesus: (manda que o povo sente-se (Jesus organiza, pois a ideia de fundo é formar comunidade); ora ao Pai; e reparte os pães e os peixes, isto é, serve a mesa).
- (4) Jesus manda recolher as sobras (vv.12-13)** O núcleo do relato está aqui. O povo ficou satisfeito. A "abundância" de pão é expressão da generosidade de Deus e da plenitude para a qual Ele quer conduzir a cada ser humano. Há pão para os presentes e também para os ausentes, há abundância, mas não há exclusão nem desperdício (*"que nada se perca"*).
- (5) As Reações da multidão e de Jesus (vv.14-15)** O milagre supera todas as expectativas. Faz-se um primeiro reconhecimento do significado do acontecimento proclamando Jesus como **"o profeta que devia vir ao mundo"** (Dt 18,15-19), como Moisés (que dá pão-maná no deserto).

Porém, Jesus se dá conta que o querem fazer rei à força e foge. Jesus não se deixa impor nenhuma etiqueta que o prenda às pretensões populares, sacrificando o sentido de sua missão.

O povo não entendeu plenamente o sinal. O relato termina com a fuga de Jesus. No centro deste acontecimento o evangelista insiste em colocar a pessoa de Jesus.

Com a multiplicação de pães e peixes demonstra que tudo começa n'Ele e provém d'Ele, que tem capacidade para dar pão-vida a todos, e em abundância:

- **Tudo começa em Jesus**

Ele atua por si mesmo, sem necessidade de que lhe dêem ordens, o realiza segundo o encargo que lhe deu seu Pai. Notemos como cada passo que se dá no relato está previsto e decidido por Jesus. Todo é uma expressão de sua missão.

- **Tudo provém de Jesus**

Mesmo que os discípulos tivessem comprado pão, não seria suficiente para todos. Os cinco pães e os dois peixes do jovem, também não são suficientes. O pão abundante, em última instância, provém de Jesus.

- **Onde está Jesus, aí há abundância**

A capacidade de ajudar, própria de Jesus, não está limitada a algumas pessoas ou a pequenos grupos. Não há limites para seu poder. Seu poder para dar vida o faz sem exclusões: há suficiente para todos.

Para cultivar a semente da Palavra no coração:

- 1) Por que Jesus multiplica os pães e os peixes?

—

Que quer ensinar com isso?

- 2) Como vivemos hoje na comunidade, família, paróquia, pastoral, o desafio que Jesus pôs a Filipe?

Também nós hoje podemos multiplicar pães?

- 3) Como entender o gesto do “jovem” que oferece seus pães e peixes?

—

Por que seu gesto é um sinal pascal?

Que diz este gesto à sociedade neoliberal, competitiva e marginalizadora?

—

Desde onde se constrói uma comunidade fraterna e solidária?

—

Autor: Padre Fidel Oñoro, CJM